

## ORGANIZAÇÃO DO TEXTO RADIOFÔNICO: COESÃO E COERÊNCIA<sup>1</sup>

Ana Rosa Gomes CABELLO<sup>2</sup>

- RESUMO: O artigo mostra que a construção do texto radiofônico requer não só o uso de mecanismos de coesão e coerência, para dar-lhe textualidade, mas sobretudo um estilo próprio oral-auditivo expresso numa linguagem que seja facilmente decodificada pelo ouvinte.
- PALAVRAS-CHAVE: Linguagem radiofônica; texto radiofônico; estilo radiofônico; textualidade; coesão; coerência.

### 1. O estilo verbal na linguagem radiofônica

As regras e o conhecimento da língua e de sua gramática são importantes requisitos de estilo. Entretanto, nem sempre se usam em jornalismo os mesmos elementos estilísticos da linguagem culta. O *estilo* depende da intencionalidade da emissão e do público que se deseja alcançar. Por exemplo: a prosa acentuadamente emotiva pede um estilo diferente do utilizado num discurso ou em uma palestra; a linguagem formal difere do conto cuidadosamente escrito; a linguagem científica (na maior parte das vezes, incompreensível ao leigo) distancia-se da linguagem do cotidiano.

Com relação à linguagem radiofônica, Grisseemann (apud Pürer, 1991, p. 264) afirma que para escrever textos para o rádio não basta conhecer as regras gramaticais e de sintaxe; deve-se, também, possuir a habilidade de preparar o texto para ser ouvido. Camargo (1980, p. 159 e 173), ao afirmar que a linguagem radiofônica difere da impressa, ressalta que o texto radiofônico oral-escrito tem uma única chance de ser ouvido. Com isso, deve explorar sua única oportunidade de emissão ao criar

---

1. Parte deste artigo foi apresentada no XVI Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação INTERCOM 93, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, com o título "A expressão verbal na linguagem radiofônica".

2. Departamento de Ciências Humanas - Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação Social - UNESP - 17033-360 - Bauru - SP.

imagens mentais que projetem as palavras e ao criar idéias, frases, situações com um conteúdo tão claro e expressivo que praticamente não exijam esforço do ouvinte.

Exigir demais do ouvinte não é o objetivo do trabalho radiofônico. Isso porque o ouvinte só é capaz de receber frações de construções complexas, o que é freqüentemente esquecido. As frases complexas são uma barreira à informação oral (muito mais que à escrita): o locutor lê uma frase de sete linhas em 15-20 segundos; assim, sobra muito pouco tempo para que o ouvinte possa assimilar as informações imediata e totalmente (o ouvinte não pode “reler” as frases; passa, sim, para as informações seguintes).

Um ouvinte atencioso e concentrado, que entenda uma linguagem mais elaborada e, ao mesmo tempo, mais exata, constitui uma minoria. Além disso, o ambiente apresenta muitos estímulos que o distraem. Assim: a atenção do ouvinte varia entre ouvir primário e ouvir secundário; um texto escrito para ser ouvido tem maiores chances de prender a atenção; e esta “sensação de sucesso” motiva o ouvinte a ouvir mais, já que não precisa de muito esforço para entender.

Para facilitar o entendimento, a memorização e a lembrança, pode-se recorrer à constância de palavras, quer dizer, repetição de palavras (uso de sinônimos, variação léxica), sem exagero, e à relação entre verbos e substantivos, sendo que quanto maior a utilização de verbos, maior entendimento e, inversamente, quanto maior o uso de substantivos, menor o entendimento. Além do que, quanto mais compridas as frases, menor o entendimento, a memorização e a lembrança (a monotonia das frases pode ser evitada com a combinação de frases curtas e longas), e quanto mais conhecido o vocabulário, maior o entendimento, a memorização e a lembrança.

Dentre os meios de comunicação, o rádio é o meio mais fugidivo de expressão da linguagem, seu texto dirige-se ao ouvido. Assim, só pode contar com o som, com seus próprios recursos (verbais e não verbais) para atingir o ouvinte. Se afirmamos, no entanto, que o texto jornalístico radiofônico está totalmente apoiado na audição e na oralidade, não podemos negar que essa oralidade apóia-se num texto previamente redigido. É o que Vanoye (1979, p. 169) chama de estilo comunicativo oral, caracterizado por uma espécie de compromisso simultâneo entre a língua falada e a língua escrita.

Talvez esteja aí a grande dificuldade em se redigir adequadamente uma notícia para o rádio: o texto é escrito para ser falado e para ser ouvido. Torres (1985, p. 18-21) afirma que a voz humana, por ser rica e persuasiva, é capaz de conduzir qualquer tipo de mensagem. Alerta, porém, que a linguagem radiofônica não deve valer-se da improvisação. E, já que tradicionalmente não falamos como escrevemos, muitas vezes o jornalismo no rádio fica sem uma identidade própria: ora pende para a rigidez de um estilo preso à escritura, ora excede na informalidade do estilo oral.

Tanto que, segundo Muñoz & Gil (1990, p. 4), o rádio é acusado de não possuir uma linguagem específica. De fato, o rádio utiliza a palavra falada como o telefone ou como o cinema sonoro; difunde a música como o toca-discos; conta histórias

dramatizadas como o teatro; relata sucessos como o jornal; chega simultaneamente a lugares muito distantes como a televisão etc.

Se ele apresentasse, no entanto, uma linguagem exclusiva, contrariaria a essência mesma da linguagem, que não é outra senão comunicar, interagir. Na verdade, o rádio tem sua especificidade por apresentar um sistema de códigos compartilhados (códigos conceituais e códigos físicos, sonoros) sem perder sua identidade. Assim, os mesmos autores afirmam que a linguagem radiofônica é o conjunto de elementos sonoros que se difundem tanto para produzir estímulos sensoriais estéticos ou intelectuais, como para criar imagens.

Com isso, é indispensável uma *seleção lexical* criteriosa não só em termos do uso de estrangeirismos, gíria, jargão, calão (a não ser que o tipo de programa assim o requeira), mas também em termos de vocabulário ativo e passivo do ouvinte, para evitar dificuldades de decodificação.

É fato que muitos *estrangeirismos*, por exemplo, são entendidos, sem dificuldade, por grande parte do público, quando se tornam empréstimos. Antes deste estágio, porém, o radiojornalista deve estar consciente das dificuldades de recepção, e, portanto, deve apresentar uma explicação adicional para facilitar o entendimento do estrangeirismo utilizado em notícias, entrevistas, comentários, análises etc. Afinal, um programa como o de transmissão de notícias, por exemplo, não é um programa para minorias.

Como o rádio também tem função educativa, o ouvinte estabelece uma relação com a linguagem, com a cultura. Isso não significa que a linguagem deva ser um bloco monolítico, estático, sem vida e sem cor, pelo contrário. O redator de rádio não deve nem ambicionar textos exageradamente literários nem venerar o uso de *gíria* e de expressões populares. Com isso, é importante adequar a linguagem ao tipo de programa e variar o estilo para evitar monotonia.

O uso do *jargão* é responsável por alguns problemas que aparecem em entrevistas. Aos médicos, engenheiros, economistas e sociólogos, o emprego de um vocabulário especializado (desconhecido da maior parte dos ouvintes, que é leiga) é fundamental para não sugerir pouco preparo. Daí, o cuidado do entrevistador em esclarecer termos obscuros para que a entrevista seja, o mais possível, clara e objetiva.

Em termos de *vocabulário* ativo e passivo, poderíamos observar que expressões como "explosão demográfica", "energia nuclear", "produto nacional bruto", "economia de mercado", "controle internacional da cotização", talvez, de imediato, não provoquem no ouvinte alguma experiência conhecida. Dessa forma, é necessário que a decodificação seja facilitada mediante exemplos e dados que conectem tais expressões ao mundo experiencial do ouvinte.

O mais importante mandamento da linguagem, nos meios de comunicação, é a exigência quanto à *clareza*, válido para os jornalistas de rádio bem como para seus colegas de jornal e televisão. Todavia, o uso de uma linguagem simplesmente "clara", para Schneider (apud Pürer, op. cit., p. 243), tomaria certamente o caráter de uma instrução de uso de um abridor de lata elétrico. Faltaria, pois, o estímulo permanente,

ordena as partes de um texto, colocando-as em relação para constituírem-se num sentido global.

Em princípio, poderíamos entender que não é possível construir um texto sem recorrer ao fenômeno da coesão, já que ela organiza as partes do texto para que formem um todo significativo. Entretanto, para Halliday & Hasan (apud Koch & Travaglia, op. cit., p. 18), coesão é uma condição necessária mas não suficiente para a criação do texto. Tanto que pode haver textos com perfeito encadeamento de seus componentes por meio de recursos coesivos que não conseguem formar um sentido global. Todavia, segundo Koch & Travaglia (op. cit., p. 19), "o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compreendem".

Ao contrário da coesão, os estudiosos referem-se à *coerência* como um fenômeno externo e subjacente à superfície textual. Isto significa que esse fenômeno não se estabelece somente nas dependências textuais, mas também, e principalmente, na situação comunicativa que contextualiza o texto. Essa condição de subjacência denota, ainda, que a coerência não é facilmente identificável na estrutura textual, ou seja, as marcas que a caracterizam nem sempre ficam explícitas no texto, são menos palpáveis que os índices formais ou conectivos que indicam a coesão.

Nas palavras de Koch & Travaglia (p. 51), a coerência se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. Dessa forma, a coerência estaria localizada na própria relação desencadeada entre usuários através do texto, ou seja, não pertence nem ao emissor, nem ao texto, nem ao receptor, mas à relação que entre eles se estabelece.

## 2.1 A coesão e a coerência na estrutura do texto radiofônico

Tivemos a oportunidade de orientar o Projeto de Iniciação Científica "Jornalismo FM: coesão e coerência?",<sup>3</sup> que pesquisou alguns mecanismos de coesão e de coerência em textos informativos de três emissoras de Bauru (SP): 1. Rádio Comunicação FM, com o seu informativo *Informassom*, veiculado às 7 e às 12 horas; 2. Rádio Unesp FM, com o *Jornal da tarde*, veiculado às 18 horas; e 3. Rádio Jornal Cidade FM, com o *Vivacidade*, veiculado às 7 horas. Como havia coincidência de horário, foram escolhidos para análise o *Informassom* às 12, o *Jornal da tarde* às 18 e o *Vivacidade* às 7 horas.

Em relação à coesão dos textos analisados, tabulou-se o número de ocorrências de coesão da seguinte natureza: referencial, lexical e conjuntiva. No que se refere à coerência, tabulou-se o número de casos de progressão gramatical, ambigüidade e contextualização.

---

3. Este Projeto, financiado pelo CNPq, foi desenvolvido pelas bolsistas Regiane Esméria Alves Eleutério e Iracema dos Santos Nascimento.

de que um texto necessita para interessar ao leitor. Por isso a clareza do texto não deve perder para a sua atração.

Expressar-se com *clareza*, portanto, requer simplicidade, exatidão, organização e acréscimos estimuladores. A *simplicidade* é alcançada por meio de frases curtas, pouco complexas, por meio de palavras e termos conhecidos, por meio da explicação de palavras técnicas. Já a *exatidão* exige informação concisa, em que cada palavra deve ser bem pensada. A *organização*, por sua vez, requer construção e continuidade das informações fáceis de mentalizar. Conseqüentemente, é fundamental estabelecer diferenças entre o essencial e o supérfluo: o trabalho sonoplástico adequadamente correlacionado ao texto é indispensável para propiciar os *acréscimos estimuladores*.

Enfim, o estilo verbal jornalístico deve ser simples, rico em variações, nítido e capaz de manter o ouvinte interessado. Dessa forma, o texto jornalístico radiofônico exige, além de correção lingüística, fatores específicos relativos à estrutura do veículo rádio. Trata-se de um texto peculiar, se comparado à linguagem jornalística em outros meios de comunicação. Na verdade, sob a aparente simplicidade, a construção do texto radiofônico é complexa, uma vez que textos fáceis demais não despertam o interesse e não prendem a atenção. Lembre-se: clareza e compreensão são resultados da interação ouvinte-texto.

## 2. Textualidade: coesão e coerência

Os estudos lingüísticos sobre *textualidade* concentram-se, na maioria das vezes, nos fenômenos da *coesão* e da *coerência*. Koch & Travaglia (1970, p. 47) justificam essa situação em virtude da coerência estabelecer-se na dependência de uma multiplicidade de fatores. Além do conhecimento e do uso de elementos lingüísticos e, também, do conhecimento de mundo e do grau em que tal conhecimento é partilhado pelo emissor e pelo receptor, concorrem para legitimar a coerência textual fatores pragmáticos e interacionais, tais como o contexto-situacional; os interlocutores em si, suas crenças e intenções comunicativas; e a função comunicativa do texto.

Os conceitos de textualidade e coesão apresentam-se imbricados. O texto, segundo Abreu (1990, p. 12), é uma unidade construída por um encadeamento semântico de sentenças chamado textualidade. Tal encadeamento semântico, que produz a textualidade, chama-se coesão.

Isso significa que a *coesão* consiste em uma relação sintático-semântica intra-textual, isto é, ocorre entre os elementos textuais do ponto de vista de sua estrutura superficial. A *coesão* estabelece, por meio de recursos semânticos, relações de sentido entre os elementos do texto, dando corpo à sua organização superficial e linear, além de consistir em uma relação explícita, porque é prontamente reconhecível na superfície do texto através dos recursos semânticos (marcas lingüísticas, índices formais, conectivos) que a caracterizam. É o elo ou conjunto de elementos que encadeia,

Por meio da tabulação, detectou-se que a utilização de elementos de coesão lexical superava a de outros mecanismos coesivos. Esse resultado foi encontrado em todos os textos das três emissoras: no *Informassom*, por exemplo, em 50 textos, foram encontrados 215 elementos de coesão lexical, 118 conjunções e 27 referências; no *Jornal da tarde*, o número de elementos de coesão lexical superou o do *Informassom*: em 39 textos, apareceram 308 dispositivos deste tipo, 206 conjunções e 31 referências; e no *Vivacidade*, em 27 textos, ocorreram 280 elementos de coesão lexical, 88 conjunções e 34 referências.

Apenas para mencionar alguns dos pontos analisados, vejamos como se dá, nos textos radiofônicos pesquisados, a coesão lexical.

Como se sabe, a *coesão lexical* baseia-se na seleção de vocabulário e dá-se através de dois recursos: a recorrência, que é a repetição de um mesmo item lexical (vocábulo) ou o uso de sinônimos, hiperônimos etc.; e a contigüidade, que é o uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo (ou mesmo campo sintagmático). Exemplos:

Ele aproveitou a reunião para criar uma *comissão* especial que vai definir um projeto para o Brasil até o ano dois mil e dez

A *comissão* vai ser integrada pelo ministro da Economia, Márcio Marques, e pelos secretários de Assuntos Estratégicos, Eliezer Batista, e Ciência e Tecnologia, Hélio Jaguaribe.

Comentário: trata-se de um exemplo de *reiteração por repetição* de um mesmo item lexical.

Os petroleiros da Baixada Santista entraram em *greve* contra o plano de reestruturação que começa a ser promovido pela direção da Petrobrás

A *mobilização* dos trabalhadores foi decidida durante assembléia ontem na sede do Sindipetro.

Comentário: trata-se de *reiteração pelo uso de sinônimos*.

A Petrobrás suspendeu até o segundo semestre deste ano a colocação de bônus no mercado externo para captação de recursos

Um dos motivos é esperar que o mercado se recupere da divulgação do balanço de 1991 da *empresa*, que registrou um prejuízo de 237 milhões de dólares, o primeiro da história.

Comentário: trata-se de um caso de *reiteração por hiperônimo*, já que "empresa" designa "o gênero a que pertence a Petrobrás".

Magn pode ser *enquadrado* nos crimes de *corrupção* passiva, por ter recebido o dinheiro, e *corrupção* ativa, por ter tentado *subornar* um auxiliar seu, no caso, o ex-diretor do INSS, Volnei Ávila.

Antes de depor na CPI, Magn deve ser convocado nos próximos dias para *prestar informações* à Polícia Federal, que está realizando um inquérito para apurar a autenticidade das denúncias.

Comentário: temos aqui um exemplo de *contigüidade*, pois os vocábulos assinalados co-ocorrem com certa regularidade.

O resultado da tabulação confirmou a preferência pela coesão lexical por recorrência, indo, pois, ao encontro de uma das características da linguagem radiofônica – a redundância –, uma vez que, no rádio, a audição é transitória. Daí, a necessidade de uma linguagem nítida e repetitiva com relação às idéias básicas da informação, para que o ouvinte consiga depreender a idéia veiculada. Afinal, os tipos de recursos de coesão e de coerência utilizados são imprescindíveis, em virtude dos tipos de recepção (residência, automóvel...) e de audição (ambiental, atenção concentrada, companhia, seleção intencional...).

No que se refere à *coesão*, destacaram-se as meta-regras (Charolles, 1978, p. 49-72) de repetição e de progressão.

A *meta-regra de repetição* possibilita a construção de um texto coerente, na medida em que este deve conter, em seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita, fornecidos por *recursos lingüísticos* variados, como as pronominações, definitivações, referências contextuais, substituições lexicais, recuperações pressuposicionais, retomadas de inferência etc. Exemplos:

*O escritor norte-americano John Updike, um dos mais importantes da atualidade, está no Brasil para uma visita de uma semana.*

*Ele veio divulgar os quatro romances de sua série "Rabbit", lançados este mês pela Companhia das Letras.*

Comentário: trata-se de um caso de *pronominalização*, ou seja, a repetição é feita pelo uso de um pronome que, à distância, recupera um elemento ou uma frase inteira.

*A Divisão Regional Agrícola de Bauru foi notificada sobre um foco de febre aftosa entre criação de suínos no município de Arealva.*

*O foco da febre aftosa ocorreu em sete pequenas propriedades do vizinho município causando a morte de suínos pouco resistentes à doença e de bovinos jovens.*

Comentário: ocorre *definitivação* porque a repetição se dá pela retomada declarada (na íntegra) de um substantivo de uma frase para outra ou de uma seqüência para outra, com a troca do artigo indefinido pelo definido.

*A nova legislação cria o índice do reajuste do salário mínimo, que será calculado pelo IBGE.*

*O índice vai medir a variação do custo de vida das famílias com renda até dois salários mínimos.*

Comentário: a *referenciação contextual* patenteia-se pela repetição, pela retomada parcial (geralmente acrescida de um novo elemento) de um substantivo, de uma frase para outra ou de uma seqüência para outra. A mudança deve-se ao excesso de proximidade entre os enunciados, o que poderia quebrar sua naturalidade.

*O governador de São Paulo determinou que as empresas estatais paulistas paguem as dívidas junto ao Finsocial. Luiz Antônio Fleury decidiu que as empresas devam manter em dia suas contas junto ao Tributo.*

Comentário: a *substituição lexical* utiliza sinônimos ou termos genéricos para retomar um elemento colocado anteriormente, sem repeti-lo declaradamente.

A Secretaria de Higiene e Saúde de Bauru continua com o programa de distribuição de cloro à população.

Comentário: a *recuperação pressuposicional*, ao contrário dos procedimentos de repetição vistos até aqui ocorre com a retomada de conteúdos semânticos não perceptíveis na superfície textual, mas que, efetivamente, fazem parte do texto. No caso, a pressuposição – “A Secretaria de Higiene e Saúde de Bauru já havia dado início ao programa de distribuição de cloro à população” – é recuperada pela aceção de “continua”.

A *retomada de inferência*, assim como a recuperação pressuposicional, não está manifesta na estrutura linear do texto. A diferença entre as duas é que, nesta última, a retomada não pertence exatamente ao texto, mas ao contexto de situação. Com isso, a coerência se patenteia na interação entre emissão e ouvintes.

A *meta-regra de progressão* prevê a construção de um texto coerente, que deve conter, em seu desenvolvimento, uma contribuição semântica constantemente renovada, isto é, um enunciado não pode repetir indefinidamente seu próprio assunto; deve, sim, incluir retomadas de elementos já enunciados e, ao mesmo tempo, acréscimo de informação (Koch & Travaglia, op. cit., p. 50).

Será assinado em Bauru, na quarta-feira, dia 1º, o contrato para construção do Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Biblioteca da Faculdade de Odontologia de Bauru.

O novo prédio tem início previsto para 15 de abril e o prazo de conclusão é de 240 dias.

O financiamento da obra é feito através do projeto Banco Interamericano de Desenvolvimento e USP.

A construtora Socintel, de Brasília, venceu a concorrência pública internacional.

A diretora do Serviço de Biblioteca e Documentação da USP, Regina Célia Beluzzo, garante que a obra irá proporcionar a agilização de diversas atividades e automação do acervo.

A solenidade de assinatura do contrato acontece às 11 da manhã, no saguão de entrada da biblioteca.

Comentário: O exemplo demonstra uma construção textual que dosa as meta-regras de *repetição* e de *progressão* (cada frase traz uma informação nova a respeito do tema central, que é a construção de um novo prédio na Faculdade de Odontologia de Bauru).

Como já mencionamos, a coerência se estabelece na relação emissão-ouvinte. Entretanto, a base para que isso se dê é o texto dotado de um encadeamento semântico específico, ou seja, um texto estruturado através de marcas coesivas características. É fato que a *coesão não garante a coerência*, no entanto, é vital para a linguagem radiofônica. Isso significa que *sua presença não garante o sentido, mas sua ausência compromete a informação*.

## Considerações finais

A organização do texto radiofônico requer, como acabamos de ver, uma utilização particular dos mecanismos de *coesão* e de *coerência*, considerando que



uma formação adequada do texto jornalístico radiofônico, segundo Porchat (1989, p. 100), pressupõe uma linguagem espontânea (semelhante à que se fala) e correta (como a que se escreve); e, ainda, a conjugação da leveza da linguagem falada (subtraindo-lhe os vícios, as pausas, os desvios gramaticais) e da precisão lingüística da linguagem escrita (extraindo-lhe o rigor excessivo, tudo que soe pedante aos ouvidos).

A natureza da linguagem radiofônica é, pois, segundo Lima (s.d., p. 33), *oral-auditiva*, tendo como fundamento a palavra. Ao tratar da relação e dependência da palavra escrita, a autora (op. cit., p. 28-32) afirma que a linguagem radiofônica deve ser clara e direta; o *estilo*, por sua vez, deve contemplar ouvintes de *cultura oral*, por meio de palavras e frases curtas, vocabulário simples e *linguagem coloquial*. Afirma que o texto radiofônico – o oral-escrito – é íntimo, cara-a-cara, um-a-um.

Por fim, já é sabido que toda comunicação exige uma identidade de códigos entre emissão e recepção; e, para cifrar uma mensagem, a emissão deve conhecer e empregar, o mais possível, o código da comunidade destinatária, para uma decodificação mais eficaz. Isso remete à importância da intervenção do ouvinte num sistema comunicacional, a necessidade mesma da interação. Tanto que, para Kaplún (1978, p. 116), a linguagem radiofônica deve caracterizar-se como uma comunicação participativa, dialógica e bidirecional. Isso para que ela seja verdadeiramente comunicação, e não meramente informação, difusão.

CABELLO, A. R. G. The organization of the radio text: cohesion and coherence. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 145-154, 1994.

- **ABSTRACT:** *This article shows that the construction of the radio text demands, not only cohesion and coherence devices to give its texture, but also a proper speaking and listening style based on a language that is easily understood by the listeners.*
- **KEYWORDS:** *Radio language; radio text; radio style; texture; cohesion; coherence.*

## Referências bibliográficas

- 1 ABREU, A. S. *Curso de Redação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- 2 CAMARGO, J. G. *La radio por dentro y por fuera*. 1. ed. Quito: Ciespal, 1980.
- 3 CHAROLLES, M. In: COSTE, D., GALVES, C. (Org.) *O texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1988. p. 39-85.
- 4 KAPLÚN, M. *Producción de programas de radio: el guión – la realización*. Quito: Ciespal, 1978.
- 5 KOCH, I. V., TRAVAGLIA, C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- 6 \_\_\_\_\_ . *A coesão textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1970.

- 7 LIMA, Z. A. *Princípios e técnica de radiojornalismo*. Brasília: ICINFORM, s.d. p. 33 e 46.
- 8 MUÑOZ, J. J., GIL, C. *La radio: teoría y práctica*. La Habana: Pablo de la Torriente, 1990.
- 9 PESSÔA, R. M. *Estudo de alguns mecanismos de coesão textual na produção escrita de alunos do 3º grau*. Araraquara, 1987. Dissertação (Mestrado) – I.L.C.S.E., Universidade Estadual Paulista. (Exemplar xerocopiado).
- 10 PORCHAT, M. E. *Manual de radiojornalismo Jovem PAN*. 2. ed. rev. São Paulo: Ática, 1989.
- 11 PÜRER, H. (Org.) *Praktischer Journalismus*. In: *Zeitung, Radio und Fernsehen*. Tradução de Vera Lúcia Dietzel. München: Ölschläger, 1991.
- 12 TORRES V, M. P. *Locución radiofónica*. Quito: CIESPAL / BELEN, 1985. p. 18-21 e 28-32.
- 13 VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. Tradução e adaptação de Clarisse Madureira Sabóia et al. São Paulo: Martins Fontes, 1979.